



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO
CAMPO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

JOSINERE CORRÊA DOS REIS

**MANEJO DO AÇAÍ EM UMA COMUNIDADE DE CAMETÁ-PA: IMPACTOS E
PROPOSTA DE MELHORIA SUSTENTÁVEL**

Cametá/PA

2025

JOSINERE CORRÊA DOS REIS

**MANEJO DO AÇAÍ EM UMA COMUNIDADE DE CAMETÁ-PA: IMPACTOS E
PROPOSTA DE MELHORIA SUSTENTÁVEL**

Trabalho de curso apresentado ao curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará como requisito de aquisição do certificado de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Dr^a. Gisele do Socorro S. Pompeu

Cametá/PA

2025

JOSINERE CORRÊA DOS REIS

**MANEJO DO AÇAÍ EM UMA COMUNIDADE DE CAMETÁ-PA: IMPACTOS E
PROPOSTA DE MELHORIA SUSTENTÁVEL**

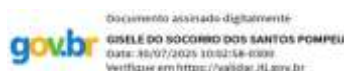
FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará como requisito de aquisição do certificado de Licenciado em Educação do Campo.

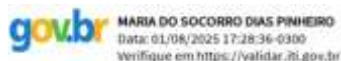
Orientadora: Dra. Gisele do Socorro dos Santos Pompeu

Aprovado em: 29 de julho de 2025

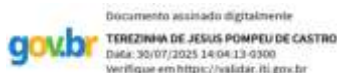
BANCA EXAMINADORA



Dra. Gisele do Socorro dos Santos Pompeu
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- UFPA (orientadora)



Dra. Maria do Socorro Dias Pinheiro
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-UFPA



Esp. Terezinha de Jesus Pompeu de Castro
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ-UEPA

Cametá/PA

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder forças e sabedoria durante toda essa caminhada. À minha esposa e aos meus familiares, pelo amor, apoio incondicional e paciência nos momentos mais desafiadores. À minha orientadora, Dra. Gisele do Socorro dos Santos Pompeu, pela dedicação, atenção e pelas orientações fundamentais para a construção deste trabalho. Também sou grato aos professores e colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA, Campus Cametá, que contribuíram para minha formação com ensinamentos e trocas significativas.

Expresso minha sincera gratidão à comunidade de Bituba, especialmente aos agricultores e ribeirinhos que, com generosidade, compartilharam seus saberes e experiências, tornando possível a realização desta pesquisa. A todos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade, o meu muito obrigado!

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	06
METODOLOGIA	08
Lócus da pesquisa e sujeitos participantes.....	08
Procedimentos Metodológicos e coleta das informações.....	10
Análise dos dados.....	11
RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
Práticas de manejo nos açazais	11
Impactos ambientais, socioeconômicos e culturais do manejo do açai.....	13
Alternativa sustentável ao manejo intensivo adaptado às condições locais.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	20

MANEJO DO AÇAÍ EM UMA COMUNIDADE DE CAMETÁ-PA: IMPACTOS DO MANEJO E PROPOSTA DE MELHORIA SUSTENTÁVEL

REIS, Josinere Corrêa dos ¹
POMPEU, Gisele do Socorro dos Santos²

¹Discente no curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Pará, Campus Cametá, Cametá- PA, Brasil. End. Eletrônico: giselepompeu@ufpa.br. ²Professora na Faculdade de Educação do Campo, Universidade Federal do Pará, Campus Cametá- Cametá, PA, Brasil. End. Eletrônico: josinere.reis@cameta.ufpa.br

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar os impactos do manejo de açaiuais na comunidade Bituba e propor alternativa para uma produção mais sustentável. A pesquisa parte da constatação de que práticas de manejo sustentáveis na produção do açaí na comunidade Bituba tem provocado diminuição na diversidade de espécies e insustentabilidade da produção. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, com coleta de dados por meio de entrevistas com moradores locais, observações diretas nas áreas de cultivo e análise de documentos. Analisaram-se as informações por meio da análise de conteúdo. Os resultados indicam que o manejo mais intensivo praticado na Comunidade, embora aumente temporariamente a renda, contribui para a insustentabilidade a longo prazo, comprometendo tanto o equilíbrio ecológico quanto a economia local. Além dos prejuízos ao meio ambiente, observa-se a vulnerabilidade econômica dos agricultores familiares, que enfrentam dificuldades devido à redução da produtividade e à baixa qualidade do fruto pelo manejo intensivo. Conclui-se que a adoção de práticas sustentáveis, aliadas à capacitação dos produtores é essencial para garantir a continuidade da atividade agroextrativista de forma equilibrada e duradoura.

Palavras-chave: Açaí. Manejo. Sustentabilidade. Agricultura familiar. Saberes tradicionais

SUMMARY

This research aims to investigate the impacts of açai grove management in the Bituba community and propose alternatives for more sustainable production. The research is based on the observation that sustainable management practices in açai production in the Bituba community have led to a decrease in species diversity and unsustainable production. The methodology adopted was a qualitative approach, with data collection through interviews with local residents, direct observations in the cultivation areas, and document analysis. The information was analyzed through content analysis. The results indicate that the more intensive management practiced in the community, while temporarily increasing income, contributes to long-term unsustainability, compromising both ecological balance and the local economy. In addition to environmental damage, the economic vulnerability of family farmers is observed, who face difficulties due to reduced productivity and poor fruit quality due to intensive management. The conclusion is that the adoption of sustainable practices, combined with producer training, is essential to ensure the continuity of agroextractive activities in a balanced and lasting manner.

Keywords: Açaí. Management. Sustainability. Family farming. Traditional knowledge

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências agrárias e da Natureza, foi possível aprender a valorizar os saberes das comunidades camponesas e a dialogar com seus modos de vida, práticas de cultivo e relação com o território. Foi na disciplina —Sistemas Agroflorestais e Extrativistas¹ que o autor do presente artigo despertou um olhar mais sensível para as práticas extrativistas realizadas nas comunidades ribeirinhas, especialmente para o manejo do açaí. Essa disciplina lhe permitiu compreender que, para além dos aspectos produtivos, o agroextrativismo envolve saberes tradicionais, conhecimentos ancestrais e formas próprias de organização social, que são parte da identidade e da resistência dessas populações.

Nessa perspectiva, as observações do autor em sua comunidade de origem, Bituba, no município de Cametá, verificaram que a intensificação do manejo nos açazais tem causado alterações significativas na paisagem, que impacta a diversidade de espécies, assim como afeta a capacidade produtiva das áreas e a sustentabilidade das pessoas. De acordo com PIMENTEL (2016), o uso inadequado dos recursos naturais, como o açaí, pode levar a um ciclo de degradação ambiental, comprometendo a sustentabilidade das práticas agrícolas e o equilíbrio ecológico das comunidades agroextrativistas.

Esse cenário é intensificado pelas altas demandas do mercado pelo fruto dos açazeiros, que promove a intensificação do plantio de açazeiros e a derrubada de diversas outras espécies no entorno, tendenciando a paisagem ao monocultivo de açazeiros. Segundo FERNANDES (2014), a sustentabilidade de determinada atividade é essencial para o desenvolvimento das comunidades rurais, especialmente aquelas dependentes do agroextrativismo, como é o caso da comunidade Bituba.

CARVALHO et al., (2018) e PINHO (2015) destacam que o manejo sustentável do açaí é fundamental para garantir a preservação dos recursos naturais e a continuidade da atividade econômica nas comunidades extrativistas, por outro lado, práticas inadequadas causam uma série de impactos negativos, como a redução da fertilidade do solo, a redução da biodiversidade, e a disponibilidade de produtos da agrofloresta às famílias.

Assim, a pergunta que instigou a pesquisa foi: como o manejo dos açazais impacta a sustentabilidade na comunidade Bituba e quais alternativas podem ser adotadas a essa prática? Nesse sentido, a presente pesquisa possui como objetivo geral investigar os impactos do manejo de açazais na comunidade Bituba e propor alternativa para uma produção mais

sustentável. Os objetivos específicos estão relacionados a: identificar as práticas de manejo intensivo nos açazais; descrever os impactos ambientais, socioeconômicos e culturais do manejo intensivo e sugerir uma alternativa mais sustentável.

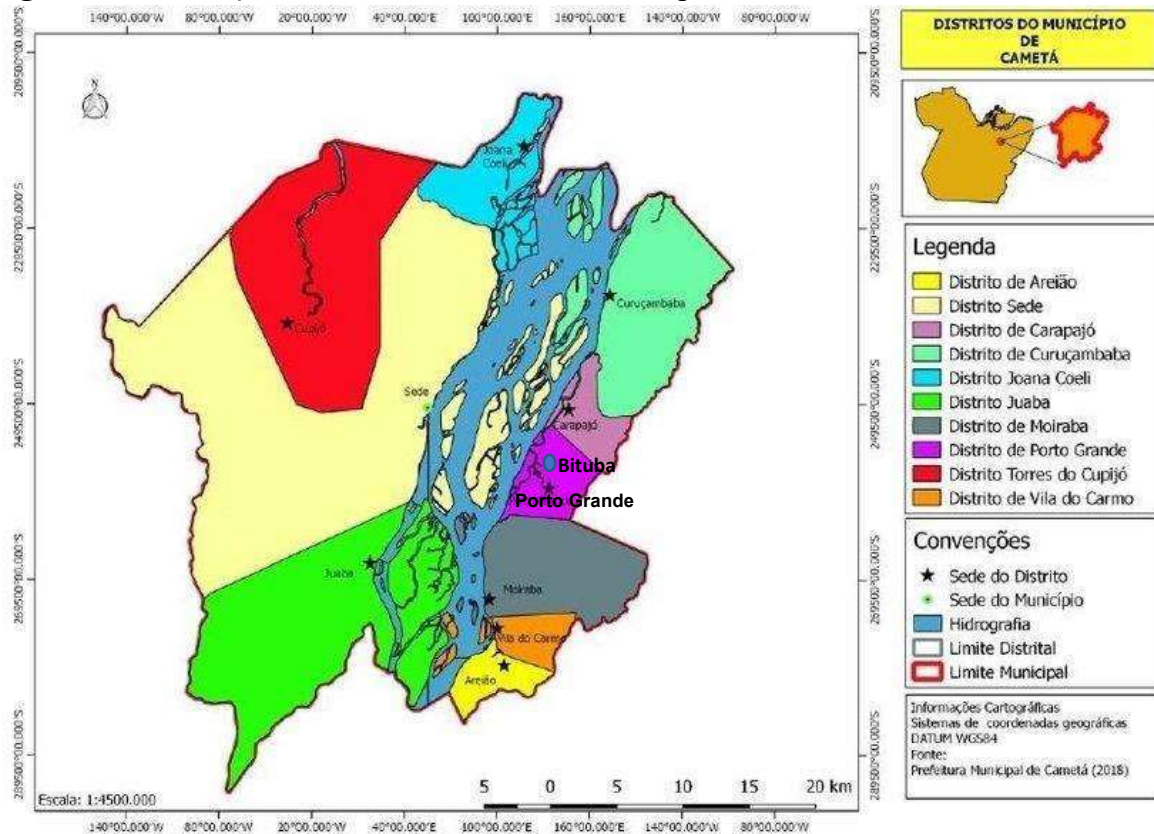
Dessa forma, a presente pesquisa não se limita a uma análise técnica dos impactos ambientais do manejo do açaí, mas busca escutar e valorizar os conhecimentos construídos historicamente pelos agricultores locais, que por meio da Educação do campo tem importância fundamental para a construção de alternativas sustentáveis e contextualizadas com as reais demandas da agricultura camponesa. Por isso, ao investigar o manejo intensivo dos açazais na comunidade de Bituba, este trabalho também se propõe a fortalecer a autonomia dos sujeitos do campo, o protagonismo comunitário e a educação como instrumento de transformação social enraizada no território.

3 METODOLOGIA

3.1 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na comunidade de Bituba, situada no distrito de Porto Grande, município de Cametá (PA), na região do Baixo Tocantins. O distrito está localizado a aproximadamente 26 km da sede municipal, com acesso predominantemente por via fluvial. A população estimada do distrito é de cerca de 2.074 habitantes, distribuídos entre diversas comunidades rurais, como Bituba, Guajará de Cima, Ajará, Mapiraí, entre outras (FIELD MUSEUM, 2021). A comunidade Bituba possui aproximadamente 600 moradores, cujas principais atividades econômicas são a pesca, a agricultura e o extrativismo, com destaque para o cultivo do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.). O deslocamento até Bituba, a partir da sede municipal, leva em média uma hora e meia por via fluvial. Conforme mostra a Figura 1, o Distrito de Porto Grande, em que está inserida a comunidade Bituba localiza-se na porção sudeste do município de Cametá.

Figura 1. Localização da comunidade Bituba, município de Cametá, Pará.



Fonte: SANTOS et al. (2020).

A região está inserida no bioma Amazônico, apresentando vegetação nativa diversificada, característica que favorece o extrativismo e a produção agrícola em pequena escala. Em relação ao solo, é possível identificar duas formações distintas: a terra firme, de natureza argilosa, e as áreas de várzea, banhadas por cursos d'água naturalmente mais férteis e úmidas. Diversos autores apontam que o cultivo do açaizeiro é tradicionalmente associado às áreas de várzea, onde a planta encontra condições ambientais mais favoráveis, como alta umidade do solo e fertilidade natural (HOMMA, 2014; FARIAS NETO, 2021).

Conforme SILVA (2021), embora haja experiências com o plantio em áreas de terra firme, os melhores índices de produtividade são observados nas várzeas. COSTA(2020) também destaca que o cultivo em terra firme é possível, mas demanda maior investimento em irrigação e manejo técnico, o que o torna menos vantajoso em comparação às várzeas, onde o açaizeiro cresce de forma mais espontânea e sustentável.

3.2 Procedimentos Metodológicos e coleta das informações

O estudo foi desenvolvido entre os meses de outubro de 2024 e junho de 2025, período em que foram realizadas visitas à comunidade, observações de campo e coleta de informações junto aos moradores. Os sujeitos da pesquisa, moradores da comunidade de Bituba, distrito de Porto Grande, município de Cametá (PA), são, em sua maioria, ribeirinhos, pescadores, agricultores familiares, e extrativistas que vivem em íntima relação com a natureza e manejam açazais. Esses sujeitos desenvolvem atividades como o cultivo do açaí, a agricultura para a segurança alimentar, a pesca artesanal e a coleta de frutos, tanto em áreas de terra firme quanto nas várzeas, e carregam consigo um valioso conjunto de saberes tradicionais que orientam o manejo da terra, das águas e das florestas. Para BRANDÃO (2002), esses conhecimentos populares representam formas legítimas de compreender e transformar o mundo, especialmente no contexto da Educação do Campo.

A pesquisa possui caráter qualitativo, com abordagem descritiva. A abordagem qualitativa busca compreender fenômenos a partir de uma análise profunda e interpretativa, explorando os significados, contextos e experiências dos indivíduos, conforme menciona MINAYO (2012, p. 21): —a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela investigação de um fenômeno em seu ambiente natural, buscando interpretar os significados que as pessoas atribuem às suas experiências". A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender a realidade vivenciada pelas famílias agricultoras da Comunidade, no que se refere ao manejo intensivo do açaí e seus impactos ambientais, socioeconômicos e culturais.

Para a coleta dos dados foi utilizada a metodologia proposta por Alencar e Gomes, (2001):

- Entrevistas semiestruturadas: realizadas por meio de questionário com moradores da comunidade que atuam diretamente no manejo dos açazais. As entrevistas buscaram compreender o perfil da comunidade, as práticas de manejo do açaí, e a percepção sobre os impactos dessa prática. Ao todo, entrevistou-se 06 (seis) famílias.
- Observação Participante: a observação participante foi essencial para compreender as práticas de manejo nos açazais, permitindo uma aproximação direta com os ribeirinhos.
- Pesquisa bibliográfica: dados secundários sobre o manejo de açazais em contextos amazônicos, visando embasar a discussão dos resultados.

3.3 Análise dos dados

Os dados foram organizados e analisados, buscando compreender os significados e interpretações atribuídos pelos participantes às suas experiências. As informações foram realizadas pela análise de conteúdo, como base na interpretação temática das entrevistas, relacionando os relatos com a fundamentação teórica, a fim de identificar os principais impactos do manejo intensivo do açaí e possíveis caminhos para práticas sustentáveis. Ademais, foi utilizada a pesquisa bibliográfica com base em autores que estudam o manejo sustentável dos açaizais, especialmente em comunidades ribeirinhas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade Bituba, localizada no distrito de Porto Grande, no município de Cametá (PA), é uma localidade tradicional da região amazônica onde o cultivo do açaí desempenha papel central na vida econômica e cultural das famílias. A maioria dos moradores desenvolve atividades ligadas ao agroextrativismo vegetal, especialmente em áreas de várzea, onde o açazeiro se adapta melhor às condições de solo e umidade. A produção é voltada tanto para o consumo das famílias quanto para a comercialização, constituindo-se como a principal fonte de renda.

Os sujeitos envolvidos nesse manejo são, em sua maioria, ribeirinhos, que mantêm viva a tradição repassada por gerações e que possuem vasto conhecimento sobre os ciclos do açaí, no entanto, é comum que essas pessoas também exerçam outras atividades na comunidade, como pescador, agricultor e demais profissões. A exemplo, um dos entrevistados além de atuar como professor da rede básica de ensino, também cultiva açaí em sua propriedade. De acordo com OLIVEIRA (2017) e GONÇALVES (2008), isso evidencia como o cultivo do fruto está presente na vida de diferentes perfis sociais, sendo uma prática que atravessa o cotidiano da comunidade e se entrelaça com o modo de vida local.

A segurança alimentar das famílias, no entanto, não se restringe aos cultivos, muitos moradores enfrentam dificuldades econômicas e dependem de políticas públicas para garantir o sustento, sendo o Programa Bolsa Família e o Seguro Defeso (seguro-desemprego para pescadores) os principais auxílios recebidos por grande parte da população. O Seguro Defeso, em especial, é essencial para os pescadores artesanais durante o período da piracema, quando a pesca é proibida.

4.1 Práticas de manejo nos açazais

As práticas de manejo implementadas pelas famílias estão relacionadas a retirada de espécies vegetais do açazal, a frequência das atividades de limpeza e desbaste, se utilizam ou não agrotóxicos e quantos estipes são deixados por touceiras. Essas práticas variam entre as famílias e refletem, em parte, o conhecimento tradicional repassado entre gerações. O tamanho das áreas dos açazais de cada família varia entre um e dois hectare, e o trabalho é realizado principalmente com base no conhecimento tradicional, sem o apoio técnico.

Os depoimentos dos ribeirinhos da comunidade Bituba revelam que o manejo do açai ocorre, em sua maioria, de forma moderada, com práticas como o desbaste de espécies arbóreas de grande porte que sombreiam excessivamente os açazeiros, acompanhado da seleção manual das palmeiras a serem conduzidas ou retiradas.

Parte das famílias (02) realiza o corte quase que total da vegetação —concorrentel, deixando os açazeiros expostos ao sol, enquanto outras famílias retiram apenas as árvores que consideram —atrapalhar o desenvolvimento dos açazeiros. Quando as touceiras se tornam densas ou muito altas, os agricultores costumam cortar os estipes mais velhos, retirando o palmito para consumo ou venda, preservando os mais jovens e, assim, garantindo a renovação natural das touceiras.

As famílias realizam também o desbaste das touceiras, prática que consiste em manter entre 3 e 5 estipes por planta, o que, de acordo com elas, reduz a competição por luz, nutrientes e favorece a produção de frutos. Essa técnica é amplamente recomendada em estudos técnicos, pois contribui para o equilíbrio entre produção e conservação. Além disso, essa prática permite melhor manejo da touceira, com acesso mais facilitado para a colheita e menor incidência de pragas e doenças.

O trabalho nos açazais é feito manualmente e com o uso de ferramentas tradicionais, como o podão, vara longa com gancho metálico, confeccionada artesanalmente na própria comunidade. Esse instrumento permite alcançar os cachos nas partes mais altas das palmeiras sem causar danos às plantas. A colheita costuma ocorrer duas vezes ao ano (de agosto a setembro). Vale destacar, que mesmo nas áreas em que ocorre maior retirada das árvores, ainda não foi contatado pelas famílias a incidência de pragas e doenças nos açazeiros, portanto, os agricultores relataram não utilizar agrotóxicos, o que reforça o caráter ainda agroecológico da produção.

As transformações nas práticas de manejo tradicional em prol do manejo que intensifica a produção do açai (açazação), em detrimento à diversidade de espécies refletem

uma desconexão com as práticas culturais que fazem parte da identidade das famílias agroextrativistas. Ademais, práticas tradicionais de preparo do açaí, como o amassamento manual, vêm sendo substituídas por tecnologias que aceleram o processo, mas que também representam uma ruptura com o modo de vida tradicional.

O acesso a programas de incentivo à implantação de sistemas agroflorestais- SAF's, a promoção de assistência técnica e extensão rural adequada às demandas das famílias, a educação agroflorestal, entre outros, são fatores que podem contribuir para melhoria desse cenário.

Do ponto de vista socioeconômico e cultural, os relatos indicam que, embora o cultivo do açaí represente um acréscimo temporário à renda familiar no período da safra, não garante totalmente a segurança alimentar nem estabilidade financeira. Muitas famílias ainda dependem de programas sociais, como o Bolsa Família e o Seguro Defeso para se manterem. Há consenso entre os entrevistados quanto à necessidade de se adotar práticas mais sustentáveis, como o consórcio agroflorestal, o replantio de espécies nativas e a assistência técnica permanente, mas reconhecem que barreiras financeiras dificultam a implementação.

Os depoimentos dos agricultores da comunidade de Bituba demonstram que, mesmo sem utilizarem termos técnicos, eles detêm um conhecimento prático valioso sobre o manejo do açaí e o equilíbrio ambiental necessário à produção. Essa sabedoria, transmitida por gerações e construída na vivência cotidiana com a floresta, revela a importância dos saberes tradicionais na construção de alternativas mais sustentáveis. Reconhecer e fortalecer esse saber, articulando-o com ações de assistência técnica e extensão rural e políticas públicas adequadas, pode ser um caminho promissor para o manejo mais sustentável na Comunidade.

4.2 Impactos ambientais, socioeconômicos e culturais do manejo do açaí

As entrevistas realizadas com os moradores da comunidade Bituba revelaram efeitos negativos associados às atividades mais intensivas de nos açazais. Os principais impactos observados foram a perda da diversidade de espécies vegetais e animais, diminuição na produção e o ressecamento dos frutos. A eliminação de espécies como carapanazeiros, andirobeiras e matamatás contribui para o empobrecimento ecológico da área, comprometendo inclusive a qualidade dos cachos, que de acordo com relatos das famílias tende a ressecar antes da safra, em decorrência da elevada exposição ao sol. Outro ponto importante diz respeito à vulnerabilidade dos açazais aos efeitos climáticos, como os períodos

de seca. Segundo SANTOS (2020), a ausência de vegetação nativa em áreas de agroflorestas pode afetar negativamente o microclima local, comprometendo a umidade do solo e a regulação térmica, o que torna os plantios mais suscetíveis à seca e a outras adversidades climáticas.

Um dos entrevistados destacou que, durante a estiagem, a produção reduz significativamente, ou seja, a eliminação das árvores piora o ressecamento:

—O açaí não deu bem como a gente esperava. Eu acho que se tivesse mais árvores na área, talvez não tivesse sido tão ruim! (entrevistado A).

O entrevistado C compartilha sua perspectiva sobre o manejo do açaí. Ele pratica o manejo mais intensivo acreditando que essa prática é essencial para maximizar a produtividade. Para ele, as árvores competem por nutrientes que deveriam ser direcionados aos açaizais. Ele explica:

—Eu corto todas as árvores ao redor dos açaizeiros, porque elas acabam sugando os nutrientes que deveriam ir para eles! (Entrevistado C). Entrevista realizada em Abril de 2025.

Essa abordagem reflete uma visão de manejo que prioriza a produção do açaí em detrimento à diversidade, o que pode ter consequências negativas para o ecossistema. Além dos impactos ambientais, a ausência de assistência técnica também representa uma barreira para a sustentabilidade dos cultivos. A produção é feita unicamente com base em nos saberes tradicionais, sem somar ao saber científico, permeado pelo acesso a políticas de apoio às agroflorestas. De acordo com ALMEIDA (2019), a falta de orientação e assistência técnica impede a adoção de práticas agroecológicas eficientes, aliadas a boa produtividade e e baixos impactos ambientais.

Esses resultados evidenciam que, embora o cultivo do açaí seja vital para a economia local, parte das famílias precisa adequar o manejo adotado na comunidade Bituba à práticas menos intensivas que afetam a diversidade de espécies. Autores como CARNEIRO (2007) e DIEGUES (2000) destacam a importância de reconhecer os saberes e modos de vida das populações tradicionais nesse processo, valorizando os conhecimentos e sua relação com o território.

Durante a realização das entrevistas percebeu-se que muitos associam a retirada das árvores nativas à melhoria na produção do açaí, mesmo que essa prática seja realizada sem orientação técnica. POMPEU et al. (2023) destaca que a crença de que outras espécies

vegetais competem com os açazeiros por nutrientes leva à eliminação de quase toda a vegetação ao redor, resultando em áreas descampadas, apenas com os açazais expostos diretamente à radiação solar. Essa condição, no entanto, pode contribuir para a intensificação da seca dos frutos, ressecamento do solo e redução da produtividade, afetando diretamente a saúde das plantas e a qualidade dos frutos. Essa percepção é confirmada pela fala do entrevistado (B):

—A seca acontece assim, porque as pessoas têm aquele pensamento: ‘vou deixar somente o açá e cortar as árvores’. Aí é o momento que a pessoa erra, porque o sol vai ficar direto lá, então por isso que ele seca. (Entrevista com morador, abril de 2025)

A fala do entrevistado B reforça a importância do sombreamento promovido pelas árvores como componente fundamental para o equilíbrio microclimático das áreas de várzea. Segundo BRONDÍZIO (2008), o sistema tradicional de manejo do açá, baseado na diversidade de espécies e no sombreamento natural contribui para a sustentabilidade do ecossistema, protegendo o solo e mantendo a umidade necessária para o bom desenvolvimento da planta. Além disso, a intensificação do manejo sem acompanhamento técnico pode levar à degradação ambiental e à perda da biodiversidade local (HIRAOKA, 1999).

Além do Entrevistado (B), outros entrevistados também relataram preocupações relacionadas à retirada total da vegetação ao redor dos açazais. Um deles destacou que, após cortar todas as árvores e deixar apenas os açazeiros, notou que o solo ficou mais seco e a produtividade caiu em anos de estiagem mais severa. Essas falas reforçam a relação entre sombreamento e regulação térmica do solo, confirmando que o desmatamento pode agravar os efeitos da seca nas áreas de várzea. Nesse sentido, NUNES et al. (2015) destacam que a cobertura vegetal ajuda a conservar a umidade do solo e a reduzir a temperatura, sendo essencial para mitigar os impactos da estiagem em áreas sensíveis.

O Entrevistado (B), morador antigo da comunidade e também agricultor, destacou que a retirada das árvores nativas no interior dos açazais tem causado desequilíbrios perceptíveis no ecossistema local.

—Se derrubar tudo e deixar só o açá, o calor vai bater direto, o chão vai rachar, e a produção vai baixar. O sombreamento é o que segura a força do açá. (Entrevista com morador, abril de 2025).

Nesse sentido, autores como NOGUEIRA et al. (2015) destacam que a cobertura vegetal exerce papel essencial na manutenção da umidade e na proteção do solo, especialmente em ecossistemas amazônicos. A simplificação dos sistemas produtivos, com o predomínio de monoculturas, pode comprometer a resiliência ambiental e colocar em risco a própria sustentabilidade da produção de açaí.

Outro ponto importante é que a adoção do manejo mais intensivo no cultivo do açaí traz não apenas impactos ambientais, mas também profundas mudanças culturais. Segundo um entrevistado, muitas práticas tradicionais utilizadas pelos seus antepassados estão se perdendo. Ele menciona que, antigamente, as pessoas utilizavam peconhas feitas da palha do próprio açaizeiro para a coleta do fruto, porém, atualmente, essa prática foi substituída por peconha feita de sacos plásticos e polietileno. Explica o entrevistado D:

—Antes, a gente usava a peconha feita da palha, mas agora já não é mais assim; agora é tudo de plástico (Entrevista com morador, abril de 2025)

De acordo com SOUZA (2015), essa substituição reflete uma tendência mais ampla de perda dos saberes tradicionais em favor de métodos mais industrializados. Além disso, as ferramentas de colheita também mudaram:

—Hoje em dia, usamos ganchos podões para retirar os cachos sem precisar subir até eles. A gente sobe um pouco e puxa com o gancho (Entrevista com morador, abril de 2025).

As falas dos entrevistados revelam que a intensificação do manejo do açaí, baseada na eliminação da vegetação nativa e no adensamento dos açaizais, tem gerado impactos perceptíveis na dinâmica ecológica das áreas de várzea. Segundo GLIESSMAN (2015); ALTIERI e NICHOLLS (2017), os sistemas biodiversos são mais equilibrados e sustentáveis, ou seja, manter outras espécies junto ao açaí ajuda a proteger o solo e o próprio cultivo, favorecem a regulação térmica, o ciclo hidrológico e o controle natural de pragas, fatores essenciais para a sustentabilidade nas agroflorestas.

Além disso, as práticas relatadas reforçam a importância de se considerar os saberes locais como indicadores de desequilíbrios ambientais provocados por mudanças no uso do solo. Para TOLEDO e BARRERA-BASSOLS (2009), o conhecimento ecológico tradicional representa uma ferramenta essencial para a construção de modelos sustentáveis de manejo,

sobretudo em contextos onde a relação entre natureza e cultura é historicamente construída, como nas comunidades ribeirinhas da Amazônia.

4.3 Alternativa sustentável ao manejo intensivo adaptado às condições locais

As entrevistas com agricultores ribeirinhos da comunidade Bituba revelaram um conhecimento profundo sobre o manejo do açaí, mesmo sem o uso de termos técnicos. A consciência sobre os impactos do manejo intensivo, como a perda de biodiversidade, a secura dos frutos e o empobrecimento do solo demonstra a importância dos saberes locais como base para práticas sustentáveis.

Assim, os conhecimentos tradicionais reforçam a necessidade de repensar o manejo dos açazais a partir de uma perspectiva agroecológica, que respeite a complexidade dos sistemas naturais e valorize as práticas comunitárias como forma de resistência à homogeneização produtiva imposta pelas lógicas de mercado. É a partir do diálogo entre cientistas e camponeses, na diversidade de conhecimentos e de práticas desenvolvidas na agricultura camponesa que se desenvolveu a abordagem da agroecologia enquanto ciência (CALDART, 2016).

De acordo com BRANDÃO (2002), os camponeses são portadores de uma racionalidade própria, construída a partir da experiência vivida, que deve ser considerada em qualquer ação voltada ao desenvolvimento local sustentável. Portanto, compreender o manejo do açaí em comunidades como Bituba envolve também compreender sua organização social, suas estratégias de existência e os múltiplos papéis que seus moradores exercem para garantir a sobrevivência e a continuidade cultural da comunidade.

A agroecologia é uma ciência que agrega conhecimento popular e conhecimento científico, e pretende superar os danos causados à biodiversidade e à sociedade como um todo pela prática da monocultura. Para FERRARI e OLIVEIRA (2019, p. 7) ainda na atualidade, a natureza da questão agrária permanece no cerne, contém os desafios centrais que estão colocados para a agroecologia e a educação do campo enquanto propostas contrahegemônicas.

Os entrevistados demonstraram interesse em aprimorar seus saberes, solicitando formações, oficinas e palestras sobre técnicas de manejo sustentável. Além disso, indicaram a necessidade de visitas técnicas dos extensionistas para orientar sobre práticas sustentáveis, sem desconsiderar os saberes da comunidade, portanto a agroecologia, enquanto campo científico e prático oferece uma abordagem adequada às condições locais, pois integra

aspectos ecológicos, sociais e culturais da produção agrícola (ALTIERI, 2017). Segundo CAPORAL e COSTABEBER (2004), a extensão rural com base agroecológica deve ser participativa, horizontal e adaptada ao contexto das populações camponesas, valorizando seus conhecimentos e práticas já existentes, o seja, pautada na Educação Agroflorestal.

A construção de um manejo sustentável do açaí em Bituba deve partir do diálogo entre o conhecimento tradicional, os princípios da agroecologia e o conhecimento científico. Isso implica incentivar a implantação dos SAFs (Sistemas Agroflorestais) que priorizam a diversificação de espécies e o uso sustentável dos recursos. Ademais, é necessário ampliar o acesso à assistência técnica e fomentar políticas públicas que respeitem os modos de vida da comunidade ribeirinha. Como reforça GLIESSMAN (2009), a sustentabilidade só é possível quando há participação ativa das comunidades na construção de soluções produtivas e ecológicas. Os saberes locais, aliados ao conhecimento técnico, tornam-se, assim, a base para uma convivência mais harmônica entre produção, meio ambiente e cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos dos moradores demonstraram que, mesmo sem formação técnica formal, existe um saber tradicional enraizado na experiência com a floresta, o qual reconhece a importância do sombreamento, da diversidade de espécies e do equilíbrio ecológico para a produção de um açaí de qualidade. No entanto, a ausência de apoio técnico, financeiro e de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar tem dificultado a adoção de práticas mais sustentáveis.

A pesquisa contribui para o debate sobre o papel dos saberes locais na construção de alternativas sustentáveis e destaca a urgência de ações voltadas à agroecologia, à formação continuada dos produtores e à valorização de sistemas como os SAFs (Sistemas Agroflorestais), que respeitam o equilíbrio ambiental e fortalecem a segurança alimentar das famílias ribeirinhas.

Entre os desafios encontrados durante o estudo, destaca-se a dificuldade de acesso a dados secundários específicos sobre o território e a limitação do número de entrevistas, em razão do tempo e das condições de deslocamento. Apesar disso, o material coletado foi suficiente para alcançar os objetivos propostos e construir uma análise fundamentada e sensível à realidade local. Espera-se que este trabalho possa servir de base para futuras pesquisas e para o fortalecimento das ações de educação ambiental, políticas públicas e extensão rural, voltadas às comunidades tradicionais do Território do Baixo Tocantins. O

caminho para a sustentabilidade passa pela escuta atenta das populações que vivem da floresta — não apenas como fonte de renda, mas como parte de sua identidade.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.; GOMES, M. A. O. Ecoturismo e planejamento social. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.
- ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I. Agroecologia: princípios e estratégias para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- ALMEIDA, J. Práticas sustentáveis em comunidades extrativistas. *Revista Agroecologia*, v. 14, n. 3, p. 72–89, 2019.
- BRANDÃO, C. R. O que é educação popular. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- BRONDÍZIO, E. S. The Amazonian Caboclo and the Açaí Palm: forest farmers in the global market. New York: New York Botanical Garden Press, 2008.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Extensão rural e desenvolvimento sustentável: uma visão agroecológica. Brasília: MDA/SAF, 2004.
- CARNEIRO, S. C. dos R. Os saberes do povo: reflexões sobre saberes tradicionais e educação. In: GOUVÊA, M. C. M.; LOPES, A. C. (org.). Educação e diversidade cultural: interfaces com currículo e prática docente. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 111–128.
- CARVALHO, M.; SOUZA, P.; LIMA, R. Impactos ambientais do manejo inadequado do açaí. *Estudos Amazônicos*, v. 10, n. 2, p. 85–93, 2018.
- COSTA, L. F. Açaí: cultivo e manejo sustentável na Amazônia. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2020.
- DIEGUES, A. C. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. 2. ed. São Paulo: NUPAUB/USP, 2000.
- DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec/NUPAUB, 2000.
- FARIAS NETO, J. T. de. Produção de açaí na várzea: potencialidades e desafios. *Revista Amazônia Rural*, v. 8, n. 2, p. 45–59, 2021.
- FERNANDES, A. Sustentabilidade e comunidades rurais. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Rural*, v. 9, n. 1, p. 51–66, 2014.
- FERRARI, E. A.; OLIVEIRA, M. M. Educação do campo e agroecologia: possibilidades de articulação a partir da identidade e diversidade em suas concepções e práticas. *Revista*

Brasileira de Educação do Campo, v. 4, p. 1–26, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.v4e6701>. Acesso em: 11 jul. 2025.

FIELD MUSEUM. Plantas alimentícias do distrito de Porto Grande: Cametá, Pará, Brasil. Rapid Color Guide. 2021. Disponível em: <https://fieldguides.fieldmuseum.org>. Acesso em: 19 maio 2025.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

GONÇALVES, C. W. P. Geografia e identidade: a construção do espaço rural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

HIRAOKA, M. Mudanças nos padrões de uso da terra e manejo de recursos entre produtores de açaí no estuário amazônico. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas, v. 5, n. 3, p. 435–456, 2010.

HOMMA, A. K. O. Açaí: o ouro negro da Amazônia. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2014.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

NOGUEIRA, J. M. P. et al. Manejo sustentável de açaizais nativos: recomendações técnicas para produtores e extensionistas. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2015.

NUNES, Y. R. F.; ALMEIDA, W. R.; MENDES, F. A. T.; VIANA, J. H. M.; LEITE, H. G. Importância da cobertura vegetal na regulação microclimática e conservação do solo em sistemas agroflorestais. Revista Árvore, v. 39, n. 2, p. 231–240, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-67622015000200008>. Acesso em: 11 jul. 2025.

OLIVEIRA, M. G. de. A agricultura familiar e a sustentabilidade: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

PIMENTEL, D. Impactos do uso intensivo de recursos naturais: a questão da sustentabilidade em comunidades extrativistas. 2. ed. São Paulo: Editora Ambiental, 2016.

PINHO, E. O. O manejo sustentável do açaí. Estudos de Sustentabilidade, v. 7, p. 22–30, 2015.

POMPEU, G. do S. dos S.; BASTOS, M. N. do. Construção do conhecimento agroecológico na extensão rural: a educação agroflorestal no fortalecimento da educação em agroecologia. Cadernos de Agroecologia, v. 18, n. 1, 2023.

SANTOS, A. C. A. dos et al. Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) utilizadas por população rural na Amazônia Oriental, Brasil. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 9, p.

69174–69191, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n9-386>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SANTOS, M.; SILVA, R. A importância das boas práticas no manejo do açaí. *Ciências Agrárias e Ambientais*, v. 15, n. 4, p. 43–57, 2017.

SILVA, P.; ALMEIDA, F. Capacitação em manejo sustentável do açaí. *Revista de Desenvolvimento Sustentável*, v. 18, n. 2, p. 60–75, 2021.

SOUZA, M. de. *A agricultura tradicional e seus desafios na modernidade*. São Paulo: Editora Universitária, 2015.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. *La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales*. Barcelona: Icaria, 2009.